

Projeto Dar e Receber

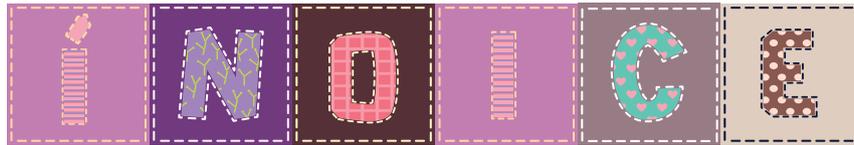






Projeto Dar e Receber





PREFÁCIO	— — — — —	07
HISTÓRIAS E LENDAS	— — — — —	10
CANTIGAS	— — — — —	16
PROVÉRBIOS	— — — — —	34
ADIVINHAS	— — — — —	44
LENGALENGAS	— — — — —	48
DITOS POPULARES	— — — — —	52

PREFÁCIO

Retalhos de Uma Vida resulta da recolha realizada junto dos clientes beneficiários das respostas sociais (Lar, Centro Dia e Apoio Domiciliário) das instituições parceiras do Projeto Dar e Receber, e a ilustração foi realizada pelas crianças do Jardim de Infância do Centro Social Paroquial St.º Condestável, da Obra Kolping e do Centro Social Paroquial Santos Mártires, também eles parceiros do projeto.

Por forma a preservar e difundir o património imaterial da região transmontana, nomeadamente, as histórias, lendas, cantigas e adivinhas, que usualmente se partilhavam nos serões organizou-se esta publicação que, para além destas, integra as cantigas entoadas durante os trabalhos agrícolas e os provérbios que cumpriam funções morais e orientavam as rotinas quotidianas.

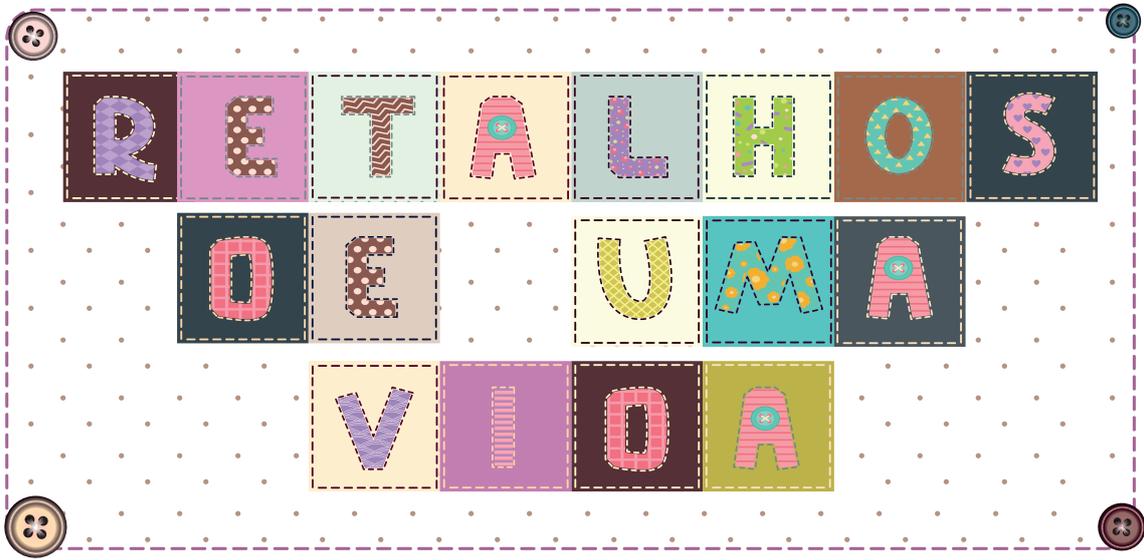
O presente trabalho apresenta, assim, as raízes de um povo rural, genuíno e de grandes costumes, onde muitas tradições e saberes se vão perdendo. As pessoas com mais idade são os agentes de transmissão de saberes e de experiências.

Outrora, os saberes eram transmitidos às gerações mais novas mediante o registo ora, o que proporcionava a alteração do conteúdo, mantendo a essência: “Quem conta um conto acrescenta um ponto”. Hoje os seniores, embora mantenham as lareiras, não têm os netos junto de si e já não fazem serões com eles. Em tempos a eletricidade não chegava à maioria das aldeias, as lareiras eram o conforto do frio do inverno. As distrações das pessoas eram os longos serões de inverno e as festas religiosas do verão. Todas eram atividades de convívio e partilha de saberes entre gerações.

Com esta publicação, espera-se pois que estas memórias, embora reportadas em papel, contrariamente ao que antes acontecia, sejam perpetuadas no tempo ou pelo menos, que as novas gerações possam ter conhecimento da sua existência e da cultura a elas associadas. Como objetivos específicos do projeto Dar e Receber destacam-se:

1. Sensibilizar a opinião pública para o valor do envelhecimento destacando o contributo útil das pessoas mais velhas para a sociedade;
2. Promover o intercâmbio de conhecimentos, a solidariedade entre as gerações e a dignidade e vitalidade de todos, explorando o potencial das pessoas mais velhas;
3. Proceder ao intercâmbio de informações e ações;
4. Desenvolver a aprendizagem mútua, incentivando a solidariedade, amizade e cooperação;
5. Promover atividades que contribuam para lutar contra a discriminação e superar os estereótipos relacionados com a idade, a condição social e com a deficiência.

Desejam-se, por isso, boas leituras e que esta publicação cumpra os objetivos para os quais foi criada.



*“Recordar é viver,
Lá diz o velho ditado
Recordo com saudade
Os tempos de antigamente
Que embora já passados
Vigoram na minha mente.*

*As pessoas eram felizes
Partilhavam a amizade
Dava gosto vê-las reunidas
Aos serões bem divertidas
Sem orgulho e sem maldade.*

*Os homens jogavam às cartas
As senhoras conversavam
As crianças ao redor
Brincavam com tanto amor
Brincadeiras coloridas
Como era bonita a vida
Sem ódios e sem rancores.*

*Á lareira no Inverno
Sentadas às portas no verão
Cantavam lindas cantigas
Contavam histórias antigas
Assim era o seu serão.*

*Hoje tudo se transformou
Com as novas tecnologias
A amizade partilhada
Parece que foi roubada
Pela grande sabedoria.*

*As crianças já não brincam
Como brincavam outrora
Não partilham o seu amor
Tudo isso lhes foi retirado
Vivem, no mundo, isoladas
Em frente ao computador.*

*Como mudaram os tempos
Como tudo se perdeu
A amizade sincera
Deixou de ser o que era
Como nuvem desapareceu”.*

Maria Custódia Santiago

HISTÓRIAS
E
LENDAS

HISTÓRIA DO MOCHO

Era uma vez uma coruja e um mocho. A coruja, que tinha uns filhinhos muito feios, quando encontrou o mocho disse-lhe:

- Tu vais passar aqui ó p`ra diante, mas não me comas os meus meninos! Os meus meninos são muito bonitos, com um biquinho e olhinhos muito lindos! Não mos comas!...

O mocho encontrou de fato uns passarinhos, mas eram muito feios: sem bico, sem olhos e comeu-os.

A coruja quando chegou encontrou-se sem os filhinhos!

Quando viu o mocho, muito triste, disse-lhe:

- Então traiçoeiro?! Comeste-me os meus filhinhos!

E o mocho responde:

- Não, não!!! Encontrei uns passarinhos muito feios, sem olhos e sem bico, e comi-os.

A coruja responde a chorar:

- Eram feios...mas eram meus filhos!

Aos olhos dos pais os filhos são sempre a coisa mais linda que existe no mundo, independentemente de qualquer defeito.



MARIDO NA GUERRA

Estava a bela Infanta no seu jardim sentada,
Com pente de ouro fino, seus cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada
Capitão que nela vinha muito bem a governava.

- Dizei-me vós capitão dessa tão formosa armada,

Se viste o meu marido na terra que Deus pisava.

- Anda tanto cavaleiro nessa terra sagrada!

Mas dizei-me vós senhora, os sinais que ele levava.

- Selim de prata dourada. E na ponta da sua lança a Cruz de Cristo levava

- Com os sinais que dizeis, tal cavaleiro eu não vi.

Mas quanto dinheiro darias senhora a quem to trouxera aqui?

- Daria tanto dinheiro que não tem conta nem fim

E as telhas do meu telhado que são de ouro e marfim.

- Guardai lá vosso dinheiro e as telhas de ouro e marfim,

Que o vosso marido aqui está, reparai bem em mim!

Este anel de sete pedras que eu contigo reparti,

Que é da outra metade, pois a minha vê-la aqui?

- Vinde cá minhas filhas, que o vosso pai é chegado!

Abre-se novo portão, há tanto tempo fechado.



LENDA DO AMOR

A filha do fazendeiro foi sempre a mulher mais linda da fazenda e arredores; namorava um serralheiro, tinha-lhe amor verdadeiro, um amor que nunca finda.

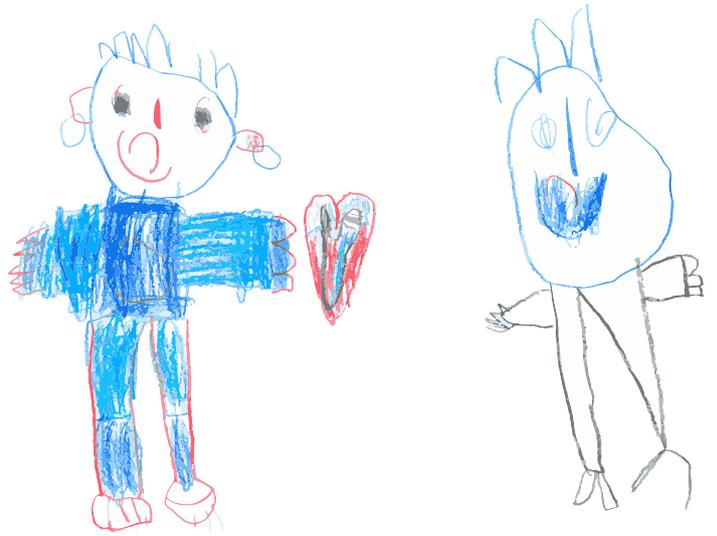
O pai de Rosa não queria que ela amasse um operário, vivendo em si grande mania, querendo entrar na burguesia, casando-a com um milionário.

Mas a Rosa só gostava, era do trabalhador, quanto mais o pai ralhava, muito mais ela gostava, maior era o seu amor.

Mas o pai que não pensou que ela tanto o amava, acabou com o tal amor e matou o trabalhador que a Rosa tanto adorava.

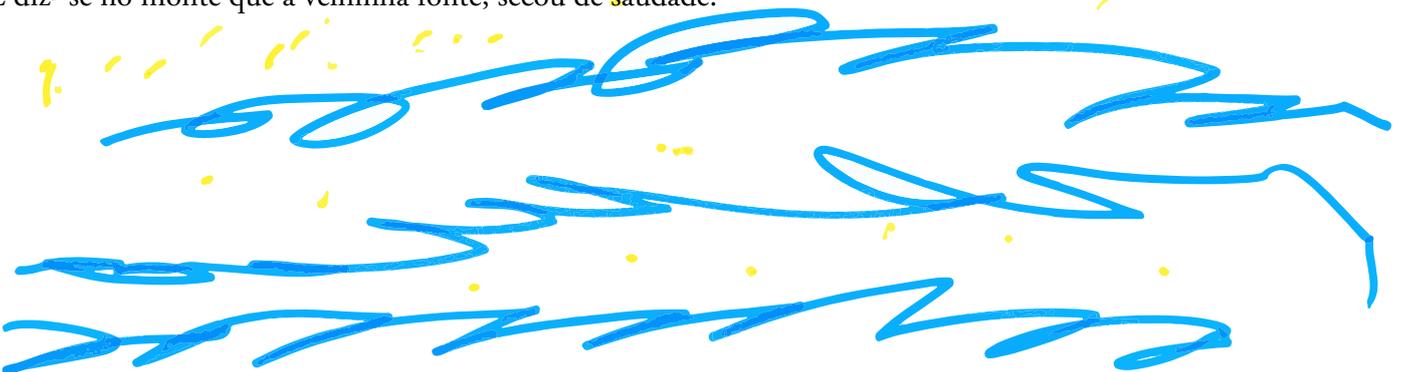
Vendo morto o namorado, grande dor que a Rosa tem, Sobre o caixão do amado, com peito esfacelado, a Rosa morreu também.

O pai de Rosa morreu, cheio de remorsos e dor, aos filhos conselhos deu: filhos não façais como eu, quem venceu foi o amor.



LENDA DA FONTE

A lenda é antiga, mas há quem a conte,
Que Maria do Monte, nascida e criada na encruzilhada que fica de frente da fonte,
Descia o monte p'ra beber na fonte
E àquela hora por ela marcada, de noite ou de dia,
O Chico da Nora na encruzilhada esperava a Maria.
Seguiam depois, bem juntos os dois, ao longo da estrada,
Matar de desejos, a sede com beijos, na fonte sagrada.
Mas um certo dia, como era esperada na encruzilhada,
Não veio a Maria à hora marcada.
Seus olhos divinos p'ra sempre fechou
Aldeia rezou, tocaram os sinos
E a fonte secou.
E àquela hora, por ela marcada de noite ou de dia,
O Chico da Nora na encruzilhada esperava a Maria
Mas oh santo Deus, escureceram-se os céus, finou-se a beldade
E diz-se no monte que a velhinha fonte, secou de saudade.



LENDA DO VERÃO DE SÃO MARTINHO

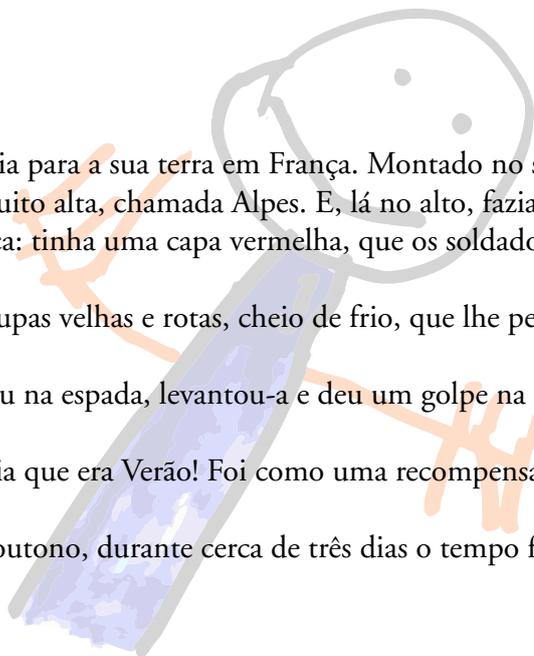
Martinho era um soldado romano que estava a regressar da Itália para a sua terra em França. Montado no seu cavalo, estava a passar num caminho para atravessar uma serra muito alta, chamada Alpes. E, lá no alto, fazia muito frio, vento e mau tempo. Martinho estava agasalhado para a época: tinha uma capa vermelha, que os soldados romanos usavam.

De repente, apareceu-lhe um homem muito pobre, vestido de roupas velhas e rotas, cheio de frio, que lhe pediu esmola.

Infelizmente, Martinho não tinha nada para lhe dar. Então, pegou na espada, levantou-a e deu um golpe na sua capa, cortou-a ao meio e deu metade ao pobre.

Nesse momento, as nuvens e o mau tempo desapareceram. Parecia que era Verão! Foi como uma recompensa de Deus a Martinho por ele ter sido bom.

É por isso que todos os anos, nesta altura do ano, mesmo sendo outono, durante cerca de três dias o tempo fica melhor e mais quente: é o verão de São Martinho.



O LAVRADOR DA ARADA

Vindo o lavrador da arada, encontrou um pobrezinho

O pobrezinho lhe disse; “Leva-me no teu burrinho.”

O lavrador descia, o pobrezinho subia.

Levou-o para sua casa, para a melhor sala que tinha

Mandou-lhe fazer a ceia, do melhor manjar que havia.

Sentaram-se os dois à mesa, mas nem um nem outro comia.

Mandou-lhe fazer a cama, da melhor roupa que havia

Por baixo damasco roxo, por cima cambraia fina

Deitaram-se os dois na cama, nem um nem outro dormia.

Lá pelo meio da noite, o pobrezinho gemia.

Levantou-se o lavrador a ver o pobrezinho

Encontrou-o cruxificado numa cruz de prata fina.

-“Ó meu Deus quem tal soubera que em minha casa vos tinha”

-“Cala, cala, Lavrador que nem uma falta havia”

No céu tenho guardadas três cadeiras de prata fina.

Uma é para ti lavrador, outra é para a tua família

Outra é para tua mulher que bem merecia”.

TRÊS VOLTAS DEI AO CASTELO

Três voltas dei ao castelo sem achar por onde entrar

Cavaleiro de armas brancas, viste-o por aqui passar?

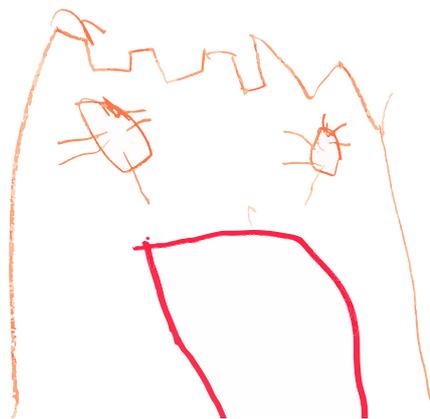
“Cavaleiro minha senhora, morto está no areal

Três chagas tem em seu peito, todas três de homem mortal.

Por uma entra o sol, por outra entra o luar

Pela mais pequena delas, entra um gavião a voar.

Com as asas estendidas, sem as ensanguentar



TRISTE MORTE

Mário Morais, vivia com os seus pais, era gente de dinheiro.

De filhos era sozinho, davam-lhe todo o carinho, por ser o único herdeiro.

Quando à mesa conversavam, ao filho recomendavam:

- Não cases com mulher pobre! Arranja mulher de bem, com a fortuna que tens, serás mais rico e mais nobre.

Mas essa recomendação, feriu o coração desse rapaz bondoso e nobre.

E sem o seu pai saber, jurou amar até morrer, Beatriz que era pobre.

Mas na mesma freguesia, outra família vivia, com uma filha que era tudo

A toda e momento, para arranjam o casamento, visitavam-se a miúdo

Mário escreve a Beatriz e na sua carta diz:

- Eu não volto aí mais. Já quebrei meu juramento, vou fazer meu casamento, para obedecer a meus pais.

No dia do casamento, passou o acompanhamento,

Para ver o Mário querido, Beatriz veio à janela,

Mário olhou para ela e ficou muito comovido.

Quando à igreja chegou, no altar ajoelhou, a pensar em Beatriz.

Mas de estar casado, dizendo tresloucado, não quebro a jura que eu fiz!

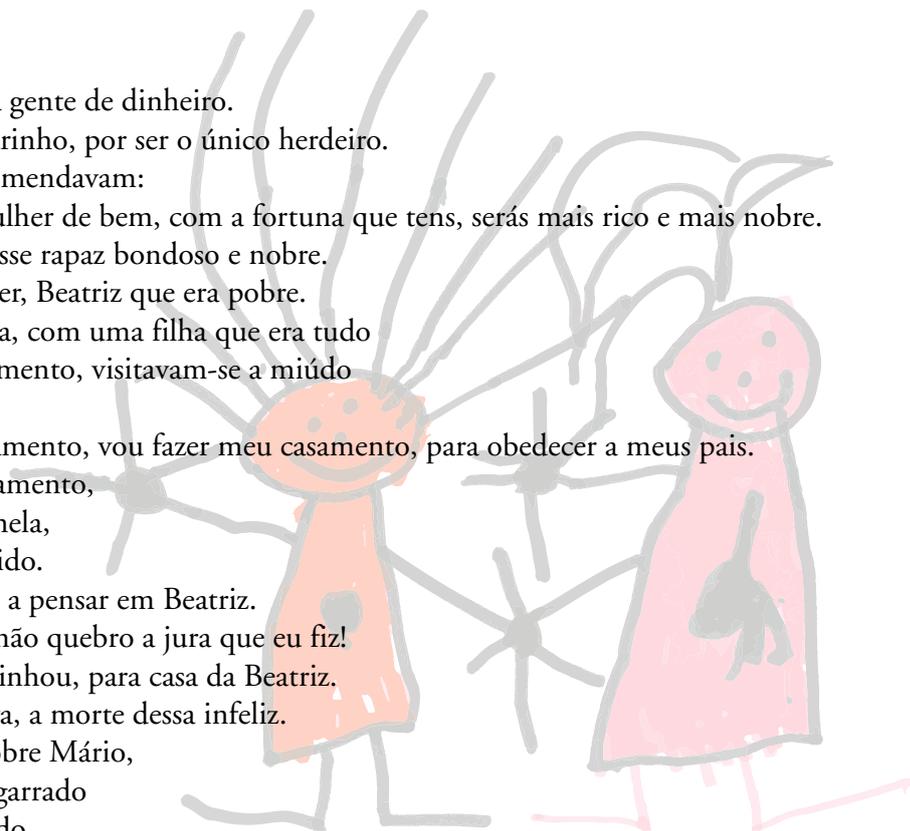
Quando no carro entrou, à pressa o encaminhou, para casa da Beatriz.

Mas quando lá chegava, já a família chorava, a morte dessa infeliz.

Nesse momento precário, meteu pena o pobre Mário,

Chorava como um perdido ao peito dela agarrado

E quando foi retirado, Já tinha enlouquecido.



MORTE DE AMOR

O António levava para a guerra
Um pombo-correio encantador
Para mandar notícias para a terra
À sua noiva amada Leonor.

Na hora da partida, no juramento,
Jurou ser dele até à morte
E num adeus de dor e de tormento,
Ainda disse a chorar: “Deus te dê sorte”.

Mais tarde pelo pombo, entre promessas,
Ele mandou dizer com tristeza infinda:
“Sou teu, sou pela pátria, não me esqueças!”
Sou vivo e se morrer, sou teu ainda.

Um dia estando ele muito absurdo,
Vendo o retrato dela em nostalgia,
Quando lhe caiu aos pés o pombo morto
Com um simples bilhete que dizia:

- Quebrei meu juramento, eu bem o sei
E tu não voltas mais à nossa terra,
Esquece-te de mim que já casei,
Adeus e sejas feliz aí na guerra.

António gargalhou quase demente,
Soltou gritos de raiva cheio de dor,
Expôs o peito a fogo heroicamente,
Morreu ainda a falar em Leonor.

Mãe perversa, homem mau, como tu outra não há
Deixaste quatro filhinhos e o teu marido ceguinho.
A filha mais velhinha, apenas onze anos tinha, até metia compaixão.

Eu prometo uma comunhão, de todo o coração ao Menino Jesus,
Que os olhos do paizinho tivessem luz.

E Nossa Senhora a ouviu e para ela sorriu.

Quando estava a comungar, os olhos do pai se abriram e já voltou a trabalhar.

VIDA DE PASTORA

Toda a vida fui pastora
Toda a vida guardei gado
Agora que já sou velha
Ando agarrada ao canjado.

Eu quando era nova
Trabalhei muito no campo
Agora que já sou velha
Estou arrumada ao canto.

Tudo que é verde seca
Lá no meio do verão
Tudo volta a renovar
Só a mocidade não.

Rapazes quando morrer
Levem-me devagarinho
Fazei-me a cova de aguardente
E por cima deitai-me vinho.

As lavadeiras do rio
Passam a vida a cantar
E eu também fui lavadeira
E agora canto no lar.

Tenho na minha janela
O que tu não tens na tua
Tenho cravos e cravelinas
Viradinhos para a lua.

Da minha janela à tua
Vai um salto de uma cobra
Ainda espero chamar
À tua mãe minha sogra.

Atrás daquela janela
Está uma lebre deitada
Ó janela quem te abriu
Ó lebre quem te agarrava.
O meu amor é auferge
Trabalha na gasolina
Quando passa a minha porta
Só me diz adeus menina.

Quando vou à missa
Faço um retiro no adro
Vejo passar caras lindas
Só tu és do meu agrado.

A perdiz anda no monte
E o perdigão no valado
Dizia um para o outro
Anda cá meu namorado.

Salgueiro de ó pé do rio
Deixa passar os peixinhos
A quem lhe dás teus abraços
Dá-lhe também teus beijinhos.

Lindos olhos tem a truta
Quem me dera assim os meus
Quem me dera os lavar
Onde a truta lava os seus.

Esta rua tem pedrinhas
Esta rua pedras tem
Das pedras não quero nada
Da rua espero alguém.

José quero, José amo
José trago num sentido
Por causa de ti José
Trago meu sono perdido.

Fiz a cama na varanda
Ao desemparo do vento
Chamei para lá o amor
Prá cama do passa tempo.

Fiz a cama na roseira
Com tenção de madregar
Veio o vento abanou-me
Estava bem, deixei-me estar.

Em São Pedro, não há cravos
Já secaram os craveiros
Os cravos que há agora
São os rapazes solteiros.

Em São Pedro, não há rosas
Já secaram as roseiras
As rosas que há agora
São as raparigas solteiras.

Manjerico na janela
Já te podes ir secando
Já morreu quem te regava
Eu já me vou enfadando.

Na borda do rio Tejo
Há borboletas ao comprido
Já te disse que sim
Se querias casar comigo.

Eu contigo caso sim
Mas tens que me dar a tua direção
Eu moro no rio Tejo
Sou Maria da Conceição.

Quero cantar e não posso
E a garganta não me ajuda
Quero-a mandar limar
Com uma laranja madura.

Ó tocador de guitarra
Repica-me esses dedos
Se te cobrarem as cordas
Tens aqui os meus cabelos.

Cantador que és cartista
Tens pro ano teu cantar
Diz-lhe lá por cantigas
Quantos peixes há no mar.

Quantos peixes há no mar
Eu ainda não fui ao fundo
Diz-lhe lá por cantigas
Quantos homens há no mundo.

Quantos homens há no mundo
Eu já te vou dizer
Há metade e outros tantos
Fora os que estão para nascer.

Adeus que me vou embora
Adeus que me quero ir
Desta terra para a outra
Eu me quero despedir.

Se amar tivesse varandas
Ia-te a ver ao Brasil
Assim como não as tem
Diz-me amor por onde devo ir.

CANTIGAS

A CEIFEIRA

Ceifeiras que andais a ceifar
À ceifa, ceifando o trigo
Ceifa as pernas da minha alma
Ceifa-as e leva-as contigo.

Ao sair do Alentejo
Olhei para trás chorando
Alentejo da minha alma
Que tão longe me vais ficando.
Ao sair do Alentejo
Olhei para trás e vi
Vi o meu amor de luto
Não sei como não morri.

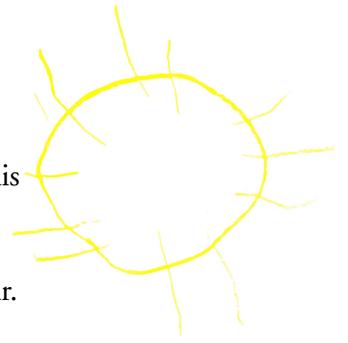
Já se vai o sol embora
Deixa-lo ir que eu não choro
'Inda finda nesta terra outro sol
Que eu mais adoro.

ANTÓNIO ADEUS

Oh António, Oh António!
Oh António, oh vadio!
Deitaste-te da ponte abaixo
Foste-te banhar ao rio.
Foste-te banhar ao rio
Foste-te banhar ao poço
Oh António, oh António!
Tu és um belo moço.
Tu és um belo moço
Tu és um belo rapaz
Oh António, oh António
A amizade quanto faz.
Amizade quanto faz
Amizade quanto fez
Oh António, oh António
Adeus até outra vez.
Adeus até outra vez
Adeus até outra hora
Oh António, oh António
Adeus que me vou embora.
Adeus que me vou embora
Adeus que me quero ir
Desta terra para outra
Que me quero despedir.

MALDIÇÃO

-Bom dia, Senhor Morais
Bom dia lhe venho dar
Venho pedir sua filha
Se o Senhor ma quiser dar.
-Ainda aqui me apareces
Maroto descarado
Minha filha não a dou
Para as mãos de um desgraçado.
-Sua filha não ma dá
Mande-a vestir de luto
Outros lhe colham a rama
Que eu já lhe colhi o fruto.
-Anda daí ó Amélia
À Igreja dar a mão
Calar bocas ao Mundo
Consolar teu coração.
-Eu contigo já não vou
Que o meu Pai não está contente
Vai-te embora que eu cá fico
Desgraçadinha para sempre.



MINHA MÃE MANDOU-ME À FONTE

-Minha mãe mandou-me à fonte
À fonte do Salgueirinho
Mandou-me lavar a cântara
Com a flor de rosmaninho
Eu lavei-a coma areia
E parti-lhe um bocadinho
Ó minha mãe não me bata
Que eu ainda sou pequenina
Eu hei de ganhar dinheiro
Para comprar um cantarinho.
- Anda cá ó minha traidora
Onde trazias o sentido?
Não o trazias tu na roca
Nem tão pouco no sarilho
Trazia-lo naquele rapaz
Que de amores andava contigo.



D. FELISBINA

Estando Dona Felisbina (bis)
No seu banco sentada (bis)
Passou ali um soldado (bis)
Logo lhe arrochou a mão (bis)
Arrocha soldado arrocha (bis)
Tens agora ocasião (bis)
Meu marido não está cá (bis)
Foi à caça pró Marão (bis)
Se tu queres que ele não volte (bis)
Rogo-lhe uma maldição (bis)
Estando eles nesta conversa (bis)
E o marido a chegar (bis)
O que tens ó Felisbina (bis)
Que te estás a desmaiar (bis)
Tenho uma dor de dentes (bis)
Que me custa a passar (bis)
Vai mulher pra tua mãe (bis)
Que te acabe de criar (bis)

BAIXA O SOL

Agora baixa o sol
Lá p'ra trás daquela serra
Leva capinha vermelha
Que lha dou a Madalena.

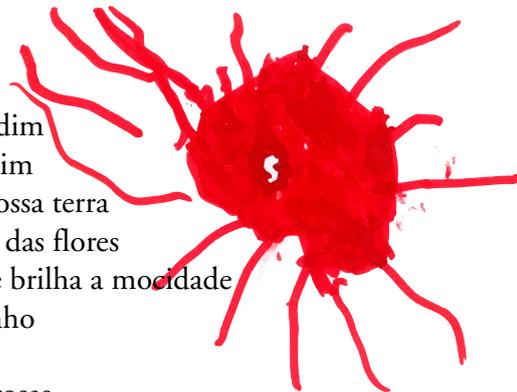
Madalena escrevera
Uma carta a Jesus Cristo
O portador que a levava
Era frade São Francisco.

São Francisco ia descalço
Vestidinho de burel
Ia levar uma carta
Ao divino Emanuel.

Ao Divino Emanuel
Ao Divino Embaixador
Ao Divino Embaixador
Ao Divino Protetor.

ANGUEIRA

Angueira é um jardim
Toda a gente diz assim
Sim que linda é a nossa terra
Viva Angueira terra das flores
Viva Angueira onde brilha a mocidade
Foi lavar ao rio Minho
Caiu-me lá o sabão
Lavei a roupa com rosas
Ficou me o cheiro nas mãos
Ai Rosinha, ai Rosinha do meio
Vem comigo malhar o centeio
O centeio, centeio é cevado
Ai Rosinha minha namorada



ALTA VAI A LUA

Alta vai a lua alta
Mais do que o sol ao meio dia
Mais alta ia a senhora
Quando para Belém ia.

S. José ia atrás dela
Alcançá-la não podia
Foi alcança-la a Belém
Onde ela estava parida.
Era tanta a sua pobreza
Que nem um pardal havia
Deitou as mãos à cabeça
A um lenço que trazia.

O XAILE DA MINHA MÃE

O xaile da minha mãe
Que me aqueceu com carinho
Mais tarde serviu também
Para aquecer meu filhinho.

Com suas franjas brincava
E dormia docemente
Enquanto minha mãe cantava
As canções de antigamente.

Não há relíquia mais linda
Que o xaile dos meus afetos
Era tê-lo toda a vida
Aos braços de minha mãe

NUMA CASA PORTUGUESA

Numa casa portuguesa fica bem
Pão e vinho sobre a mesa.
e se à porta humildemente bate alguém
Senta-se à mesa com a gente
Fica bem esta franqueza, fica bem
Que o povo nunca desmente.
A alegria da pobreza
Está nesta grande riqueza
De dar, e ficar contente.
Quatro paredes caiadas
Um cheirinho à alecrim
um cacho de uvas doiradas
duas rosas num jardim
Um São José de azulejo
Mais o sol da primavera
Uma promessa de beijos
Dois braços à minha espera.
É uma casa portuguesa, com certeza!
É, com certeza, uma casa portuguesa.

OLIVEIRA DA SERRA

Ó oliveira da serra
O vento leva a flor
Ó oliveira da serra,
O vento leva a flor.
Ó i ó ai, só a mim ninguém me leva,
Ó i ó ai, para o pé do meu amor.
Ó i ó ai, só a mim ninguém me leva,
Ó i ó ai, para o pé do meu amor.
Ó oliveira da serra,
O vento leva a ramada
Ó oliveira da serra
O vento leva a ramada
Ó i ó ai, só a mim ninguém me leva
Ó i ó ai, para o pé da minha amada.
Ó i ó ai, só a mim ninguém me leva,
Ó i ó ai, para o pé da minha amada.

ALECRIM DOURADO

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado

Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim, alecrim miúdo
Que nasceu no campo
Perfumando tudo
Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim, alecrim aos molhos
Por causa de ti
Choram os meus olhos

Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Ó FERREIRO GUARDA A FILHA

Ó ferreiro guarda a filha,
Não a tragas a janela,
Anda ai um sujeitinho,
Que não tira os olhos dela.

Vai tu, vai tu, vai ela,
Vai tu p'rá terra dela.
Vai tu, vai tu, vai ela,
Vai tu p'rá terra dela.
É do meu gosto
É da minha opinião
Hei-de amar a moreninha
Da raiz do coração
É do meu gosto
E da minha opinião
Hei-de amar a moreninha
Da raiz do coração.

LAURINDINHA



Oh Laurindinha, vem
à janela.
Oh Laurindinha, vem à
janela.
Ver o teu amor, ai ai ai
que ele vai p'ra guerra.

Ver o teu amor, ai ai ai

que ele vai p'ra guerra.
Se ele vai pra guerra, deixá-lo ir.
Se ele vai pra guerra, deixá-lo ir.
Ele é rapaz novo, ai ai ai ele torna a vir.
Ele é rapaz novo, ai ai ai ele torna a vir.
Ele torna a vir, se Deus quiser.
Ele torna a vir, se Deus quiser.
Ainda vem a tempo, ai ai ai de arranjar mulher.
Ainda vem a tempo ai ai ai de arranjar mulher.

RAMA DA OLIVEIRA

Refrão: Óh rama, ó que linda rama
Óh rama da oliveira!
O meu par é o mais lindo
Que anda aqui na roda inteira!

Que anda aqui na roda inteira
Aqui e em qualquer lugar
Óh rama, que linda rama
Óh rama do olival!

Eu gosto muito de ouvir
Cantar a quem aprendeu.
Se houvera quem me ensinara
Quem aprendia era eu!

Não me invejo de quem tem
Parelhas, éguas e montes
Só me invejo de quem bebe
A água em todas as fontes.

Fui à fonte beber água
Encontrei um ramo verde
Quem o perdeu tinha amores
Quem o achou tinha sede.
Eu gosto muito de ouvir
Cantar a quem aprendeu.
Se houvera quem me ensinara
Quem aprendia era eu!

MALHÃO, MALHÃO

Ó Malhão, Malhão
Que vida é a tua?
Comer e beber, ai tirim-tim-tim
Passear na rua!(bis)

Ó Malhão, Malhão
Quem te deu as meias?
Foi o caixeirinho, ai tirim-tim-tim
Das pernas feias! (bis) Ó Malhão, Malhão
Quem te deu as botas?
Foi o caixeirinho, ai tirim-tim-tim
Das perninhas tortas! (bis)
Ó Malhão, Malhão
Ó Margaridinha!
Eras do teu pai, ai tirim-tim-tim
Mas agora és minha! (bis)

EU SEI MEU AMOR

De manhã, com medo, que me achasses feia
Acordei, tremendo, deitada n'areia
Mas logo os teus olhos disseram que não,
E o sol penetrou no meu coração.[Bis]

Vi depois numa rocha uma cruz
E o teu barco negro dançava na luz
Vi teu braço acenando, entre as velas já soltas
Dizem as velhas da praia, que não voltas:

São loucas! São loucas!

Eu sei, meu amor
Que nem chegaste a partir
Pois tudo, em meu redor
Me diz que estás sempre comigo.[Bis]

No vento que lança areia nos vidros
Na água que canta, no fogo mortiço
No calor do leito, nos bancos vazios
Dentro do meu peito, estás sempre comigo.

TIA ANICA

Tia Anica
Tia Anica, tia Anica
Tia Anica de Loulé,
A quem deixaria ela
A caixinha do rapé? [Bis]

Refrão: Olé, olá, esta vida não está má
Olá, olé, Tia Anica de Loulé

Tia Anica, tia Anica
Tia Anica da Fuzeta
A quem deixaria ela
A barra da saia preta?

Refrão

Tia Anica, tia Anica
Tia Anica de Alportel
A quem deixaria ela
A barra do seu mantel

Refrão

PONHA AQUI O SEU PEZINHO

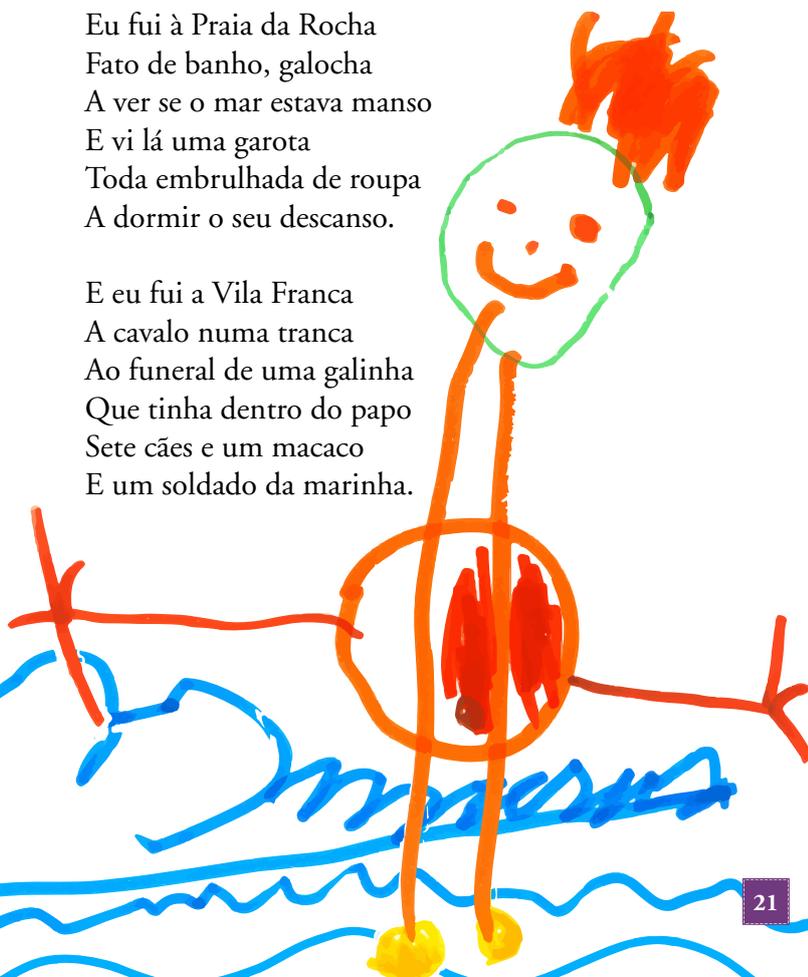
Ponha aqui o seu pezinho
Devagar, devagarinho
Se vai à Ribeira Grande.
Eu tenho uma carta escrita
Para ti, cara bonita
Não tenho por quem a mande.

Eu nasci à sexta-feira
Com barba e cabeleira
Mais parecia um anti-Cristo
Que até o Senhor Padre Cura
Que é homem de sabedoria
Nunca tal houvera visto.

Eu fui de Lisboa a Sintra
A casa da tia Jacinta
P'ra me fazer uns calções
Mas a pobre criatura
Esqueceu-se da abertura
Para as minhas precisões.

Eu fui à Praia da Rocha
Fato de banho, galocha
A ver se o mar estava manso
E vi lá uma garota
Toda embrulhada de roupa
A dormir o seu descanso.

E eu fui a Vila Franca
A cavalo numa tranca
Ao funeral de uma galinha
Que tinha dentro do papo
Sete cães e um macaco
E um soldado da marinha.



LISBOA MENINA E MOÇA

No castelo, ponho um cotovelo
Em Alfama, descanso o olhar
E assim desfaz-se o novelo
De azul e mar
À ribeira encosto a cabeça
A almofada, na cama do Tejo
Com lençóis bordados à pressa
Na cambraia de um beijo

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos veem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura
Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida

No terreiro eu passo por ti
Mas da graça eu vejo-te nua
Quando um pombo te olha, sorri
És mulher da rua

E no bairro mais alto do sonho
Ponho o fado que soube inventar
Aguardente de vida e medronho
Que me faz cantar

Lisboa menina e moça, menina
Da luz que meus olhos veem tão pura
Teus seios são as colinas, varina
Pregão que me traz à porta, ternura
Cidade a ponto luz bordada
Toalha à beira mar estendida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida

Lisboa no meu amor, deitada
Cidade por minhas mãos despida
Lisboa menina e moça, amada
Cidade mulher da minha vida





CHORA A VIDEIRA

Chora a videira ó videirinha
Chora a videira ó prenda minha
Chora a videira deixa-a chorar
Chora a videira que se vai casar

Ó videira dá-me um cacho
Ó cacho dá-me um baguinho
Ó videira dá-me um cacho
Ó videira dá-me um baguinho

Chora a videira ó videirinha
Chora a videira ó prenda minha
Chora a videira deixa-a chorar
Chora a videira que se vai casar

Não te encostes à parreira
A parreira deita pó,
Encosta-te ao meu peitinho,
Sou solteira durmo só.

Chora a videira, ó videirinha
Chora a videira ó prenda minha
Chora a videira deixa-a chorar
Chora a videira que se vai casar



Sou solteira, durmo só
Ando bem arranjadinha
Sapatos à papo-seco
Vestidinho à Adelaidinha

Chora a videira ó videirinha
Chora a videira ó prenda minha
Chora a videira deixa-a chorar
Chora a videira que se vai casar

Fui à vindima ao Douro
Mas não achei o que vindimar
Vindimaram-me as costelas
Foi o que fui lá arranjar

Chora a videira ó videirinha
Chora a videira ó prenda minha
Chora a videira deixa-a chorar
Chora a videira que se vai casar

Estamos no mês de Outubro
Acabaram as vindimas
Já se acabaram os ranchos
E toques de concertina

Chora a videira ó videirinha
Chora a videira ó prenda minha
Chora a videira ó videira chora
Chora a videira que vamos embora



MILHO VERDE

Milho verde, milho verde
Milho verde maçaroca
À sombra do milho verde
Namorei uma cachopa.
Milho verde, milho verde
Milho verde miudinho
À sombra do milho verde
Namorei um rapazinho.
Milho verde, milho verde
Milho verde folha larga
À sombra do milho verde
Namorei uma casada.
Mondadeiras do meu milho
Mondai o meu milho bem
Não olhais para o caminho
Que a merenda já lá vem.

RESINEIRO ENGRAÇADO

Resineiro engraçado
Engraçado no falar
Ó i ó ai eu hei- de ir à terra dele
Ó i ó ai se ele me lá quiser levar.

Já tenho papel e tinta
Caneta e mata-borrão
Ó i ó ai p'ra escrever ao resineiro
Ó i ó ai que trago no coração.

Resineiro é casado
É casado e tem mulher
Ó i ó ai vou escrever ó resineiro
Ó i ó ai quantas vezes eu quiser.

Resineiro engraçado
Engraçado no falar
Ó i ó ai eu hei- de ir à terra dele
Ó i ó ai se ele me lá quiser levar

MACIEIRA DO ADRO

Ó macieira do adro
Ó adro da macieira
Ói ó ai, não te deixes abanar
Já não achas quem te queira

Já não achas quem te queira
Quero-te eu ó coradinha.
Ói ó ai, porque antes de nascer
Já eu te amava menina.

Já eu te amava menina
Isso não podia ser
Ói ó ai, você não adivinhava
Que eu estava p'ra nascer.

ENCADEIA MEU ENCADEADO

Refrão: Encadeia, meu encadeado
Não me aperte a mão
Que me estala o braço
Encadeia dá-me um beijinho
Encadeia dá-me um abraço

Eu passei numa terra estranha
Pedi esmola, ninguém ma deu(bis)
Eu hei-de deixar escrito:
“À fome ninguém morreu”(bis)

Refrão

Ó mocidade do meu tempo
Ó raparigas da minha idade, (bis)
Casai-vos de trinta anos
Gozai bem a mocidade. (bis)

Refrão

Eu fui sentar-me além do rio
Para a água ver a correr, (bis)
Vi correr a dos meus olhos
Foi maior pena ver. (bis)

Refrão

A SAIA DA CAROLINA

A saia da Carolina
Tem um lagarto pintado
Sim Carolina ó i ó ai
Sim Carolina ó ai meu bem

Tem cuidado ó Carolina
Que o lagarto dá ao rabo
Sim Carolina ó i ó ai
Sim Carolina ó ai meu bem.

A saia da Carolina
Não tem prega, nem botão
Tem cautela ó Carolina
Não te caia a saia no chão

A saia da Carolina
Tem uma barra encarnada
Tem cuidado ó Carolina,
Não fique a saia rasgada

A saia da Carolina
Foi lavada com sabão
Tem cuidado, ó Carolina
Não lhes deixes por a mão

A saia da Carolina
É curta e das modernas
Tem cuidado ó Carolina
Que ela não te tapa as pernas.

TIRO LIRO LIRO

Lá em cima está o tiro-liro-liro
Cá em baixo está o tiro-liro-ló
Juntaram-se os dois na esquina
Tocar a concertina, a dançar o solidó.

Comadre, ai minha comadre!
Eu gosto da sua pequena!
É bonita, apresenta-se bem
Parece que tem a face morena!

Comadre, ai minha comadre!
Eu gosto da sua afilhada!
É bonita, apresenta-se bem
Parece que tem a face rosada!

JÁ PASSEI A ROUPA A FERRO

Já passei a roupa a ferro
já passei o meu vestido
Amanhã vou-me casar
E o Manel é meu marido

Refrão:

Todos me querem eu quero algum
Quero o meu amor não quero mais nenhum
Todos me querem eu quero alguém
Quero o meu amor não quero mais ninguém

O Manuel é meu marido
O Manuel é quem me adora
O Manuel é que me leva
Da minha casa p'ra fora

Refrão

Da minha casa p'ra fora
Da minha casa p'ra dentro
O Manuel é quem me leva
No dia do casamento

Refrão

D. FILOMENA

Estando D. Filomena (bis)
Sentadinha no balcão (bis)
Passou ali um soldado (Bis)
Logo lhe arroxou a mão (Bis)
Arroxá, arroxá soldadinho (bis)
Agora tens ocasião (bis)
Que o meu marido foi à caça (bis)
Que o meu marido foi à caça (bis)
Lá para os montes de Aragão (bis)
Se tu queres que ele não volte (bis)
Deita-lhe uma maldição (bis)
Que os corvos lhe tirem os olhos (bis)
E as águias o coração (bis)
E os cães com que ele calça (bis)
O tragam de procissão. (bis)

O MAR ENROLA NA AREIA

O mar enrola na areia
Ninguém sabe o que ele diz
Bate na areia e desmaia
Porque se sente feliz

O mar também é casado
O mar também tem mulher
É casado com areia
Pode vê-la quando quer

O mar também é casado
O mar também tem filhinhos
É casado com areia
E seus filhos são os peixinhos

Ó mar tu és um leão
A todos queres comer
Não sei como os homens podem
As tuas ondas vencer

Ó mar que não te derretes
Navios quando tu partes
Ó mar que não cumpristes
O que comigo trataste

Ouvi cantar a sereia
No meio daquele mar
Tantos navios se perdem
Ao som daquele cantar

Até o peixe do mar
Depenica na baleia
Nunca vi homem solteiro
Procurar a mulher feia.

ZULMIRA ZULMIRINHA

Zulmira, Oh Zulmirinha,
Pouca foi a nossa sorte (bis)
Tu morres e vais pro céu,
E eu vou fugindo à morte (bis)
O seu tio Carolino
Chorava de coração (bis)
Ao ver sua sobrinha morta,
Sepultada no caixão (bis)
E o vestido que ela levava,
Era de seda branquinha (bis)
Diziam lá os da casa,
Adeus ó rica pombinha (bis)
O manto que ela levava
Era de seda amarela (bis)
Toda a gente tinha pena,
Daquela linda donzela (bis)
Os quatro que a levavam
Choram de coração (bis)
Ao ver espirrar o sangue
Pelas frinchas do caixão (bis)
Ó vós que a levais,
Levai-a devagarinho (bis)
Nas portas do cemitério,
Tocai-lhe o sino baixinho (bis)

CANTA CANTA AMIGO CANTA

Refrão: Canta, Canta, amigo canta
Vem cantar a nossa canção
Tu sozinho não és nada
Juntos temos o mundo na mão

Erguer a voz e cantar
É força de quem é novo
Viver sempre a esperar
Fraqueza de quem é povo
Viver em casa de tábuas
À espera dum novo dia
Enquanto a terra engole
A tua antiga alegria.

Refrão

O teu corpo é um barco
Que não tem leme nem velas
A tua vida é uma casa
Sem portas e sem janelas
Não vás ao sabor do vento
Aprende a canção da esperança
Vem semear tempestades
Se queres colher a bonança.

Refrão

NÃO OLHES P'RA MIM NÃO OLHES

Não olhes p'ra mim não olhes
Que eu não sou o teu amor
Eu não sou como a figueira
Que dá fruto sem flor

Refrão: Ó comadre Maria Benta
Seu garoto está melhor
O mal não é tão forte
Que o faça estar pior

Ó olhos azuis claros
Contrários ao meu viver
Que gosto tens tu amor
Em me ver a padecer

Refrão

Tenho dentro do meu peito
Chegadinho ao coração
Duas palavras que dizem
Amar sim deixar-te não

Refrão

As ondas do teu cabelo
São loiras e perfumadas
São redes a que se prendem
As almas apaixonadas.

Refrão

ERAM P'RAÍ SETE E PICO

No Baile da Dona Ester
Feito a semana passada
Foram dar com o Chefe
A dançar com a criada.
Dizia-lhe ela baixinho
Na prise és bestial.
Eram pr`aí sete e pico, oito e coisa nove e tal (bis)

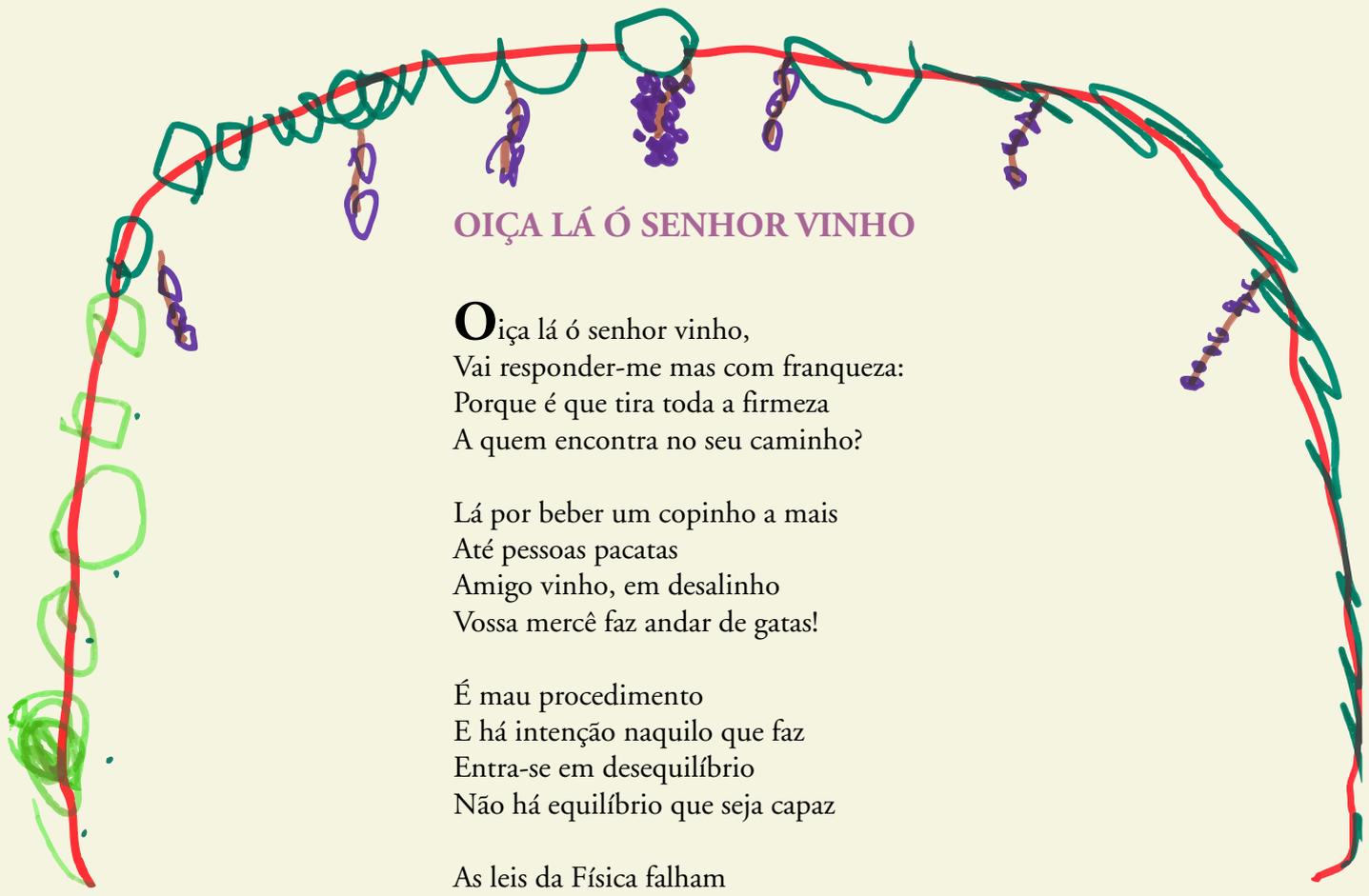
Chegou altura da balsa,
Exibiu-se o Osório
De repente cai-lhe a calça
Rebentou-lhe o suspensório.
Aflito, com as mãos nos bolsos
Perante o riso geral
Eram pr`aí sete e pico, oito e coisa nove e tal (bis)

A Dona Inês sequiosa,
Não resistiu ao whisky
E p`ra se tornar famosa
Quis ir dançar o twisty
Ao dar um jeito partiu-se
A coluna vertebral.
Eram pr`aí sete e pico, oito e coisa nove e tal (bis)

O Dom José de Vicente
Que é de S. Pedro da Cova
Pra mostrar que ainda é valente
Foi dançar a balsa nova.
Escorregou no soalho
Caiu, foi pro hospital.
Eram pr`aí sete e pico, oito e coisa nove e tal (bis)

Quando o serviço abundante
No baile se iniciou
O Don Grilo num instante,
A alface devorou.
Diz-lhe a Locas ao ouvido,
Pareces um animal.
Eram pr`aí sete e pico, oito e coisa nove e tal (bis)

Faltou a luz e gerou-se
A confusão natural.
E a Locas encontrou-se
Nos braços do Amaral.
Logo esta grita aflita,
Acendam o castiçal.
Eram pr`aí sete e pico, oito e coisa nove e tal (bis)



OIÇA LÁ Ó SENHOR VINHO

Oiça lá ó senhor vinho,
Vai responder-me mas com franqueza:
Porque é que tira toda a firmeza
A quem encontra no seu caminho?

Lá por beber um copinho a mais
Até pessoas pacatas
Amigo vinho, em desalinho
Vossa mercê faz andar de gatas!

É mau procedimento
E há intenção naquilo que faz
Entra-se em desequilíbrio
Não há equilíbrio que seja capaz

As leis da Física falham
E a vertical de qualquer lugar
Oscila sem se deter
E deixa de ser perpendicular

Eu já fui”, responde o vinho
“A folha solta a bailar ao vento
Fui raio de sol no firmamento
Que trouxe a uva, doce carinho

Ainda guardo o calor do sol
E assim eu até dou vida
Aumento o valor seja de quem for
Na boa conta, peso e medida

E só faço mal a quem
Me julga ninguém
E faz pouco de mim
Quem me trata como água
É ofensa, pago-a!
Eu cá sou assim.”

Vossa mercê tem razão
E é ingratição
Falar mal do vinho
E a provar o que digo
Vamos, meu amigo
A mais um copinho.

ROSA ALBARDEIRA

Vi uma rosa-albardeira
Ai se eu pudesse colhia-a
Mas disse-me um passarinho
Que se a colhesse morria

Que se a colhesse morria
Pois não se dá prisioneira
Meu amor, eu não sabia
Que eras a rosa-albardeira

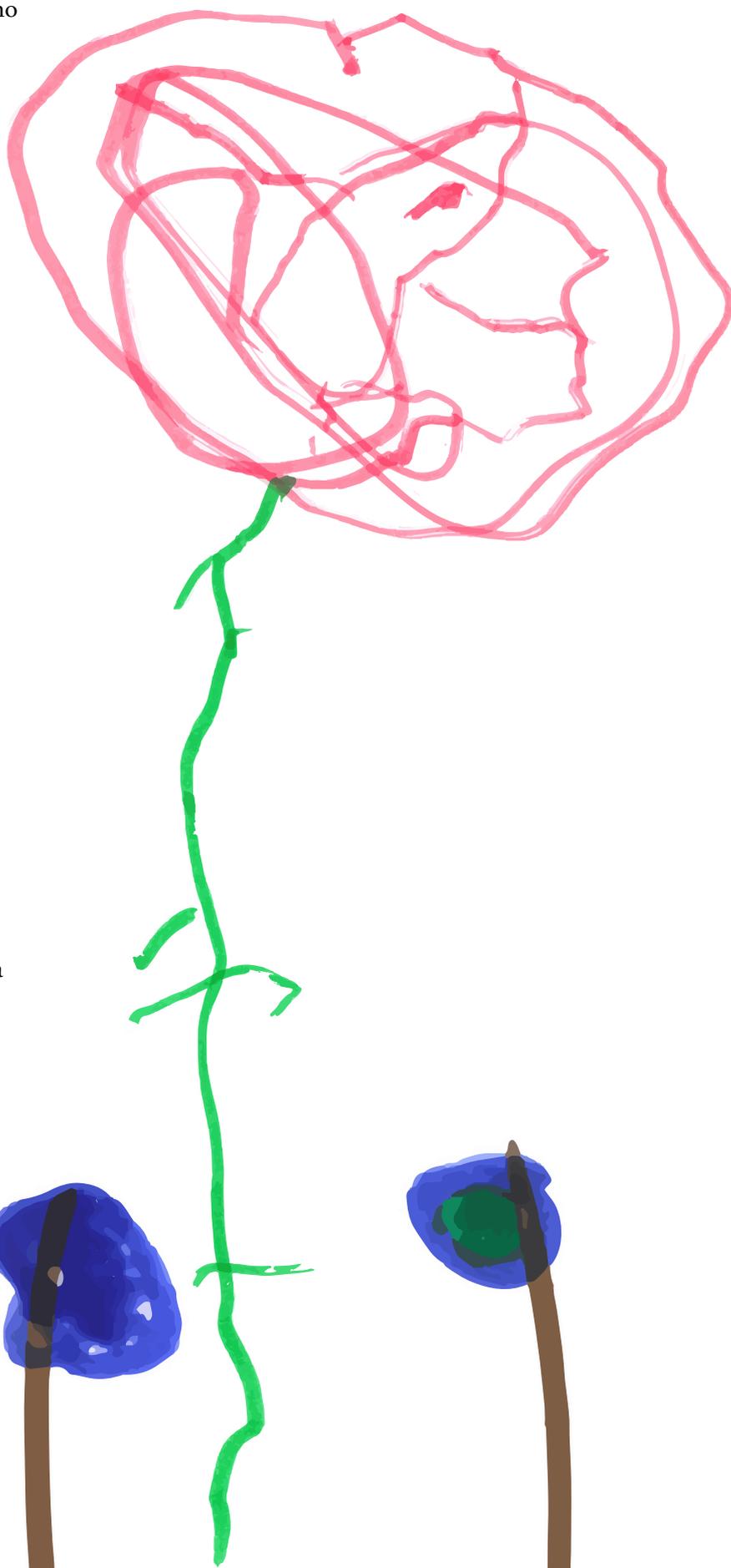
Fui-te a ver e não voltei
Deixei pai, deixei mãe
E a casa onde nasci
És para mim a primeira

Queira deus ou não queira
Há não me largo de ti
Fui-te a ver ao pé da serra
A tua rosa foi minha

E semeiei-te na terra
À noite pela fresquinha
Um dia quando eu partir
Fica a nossa sementeira

De nós dois há-de florir
Mais uma rosa-albardeira
Fui-te a ver e não voltei
Deixei pai, deixei mãe

E a casa onde nasci
És para mim a primeira
Queira Deus ou não queira
Já não me largo de ti



ROSA BELA

Tenho um vasinho de rosas à janela
Que ela trouxe consigo
Quando as vejo tão formosas
Lembro-me dela
Lembro-me dela ao postigo

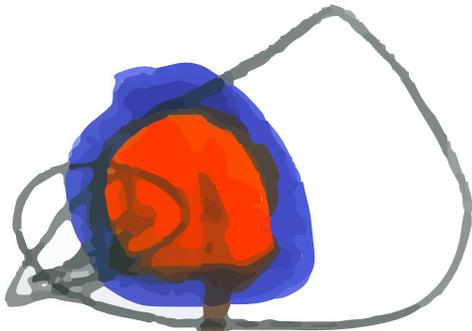
Lembro-me dela ao postigo,
Tão mimosa
E agora põe-se à janela
Os cabelos cor de trigo, não há rosa...
Não há rosa como ela

Não há rosa como ela na cidade
Nem nos campos de onde vim
Agora põe-se à janela com vaidade
À noite à espera de mim

Lembro-me dela ao postigo
E agora põe-se à janela
É só isto que vos digo:
Não há rosa como ela

AMÉLIA TECEDeira

Oh Amélia tecedeira
Oh Amélia tecedeira
Hei-de mandar vir do Porto
Um tear de laranjeira.
Um tear de laranjeira
Ai ai ai, que me estou a ir
Se te agradas dos meus olhos
A meu pai lhe vais pedir.
Se a meu pai lhe vais pedir
Vai-lhe pedir a meu pai
E se disser que não
Retira- te e dá um ai.
Retira-te e dá um ai
Retira-te de compaixão
Oh Amélia, oh Amélia
Amor do meu coração.
Amor do meu coração
Tudo quanto tenho é teu
Só a minha alma não
Foi o Senhor quem ma deu.
Foi o Senhor quem ma deu
Foi o Senhor quem ma dava
Oh Amélia, oh Amélia
Hades ser a minha amada.
Hades ser a minha amada
Hades ser se Deus quiser
Óh Amélia, óh Amélia
Hades ser minha mulher.
Hades ser minha mulher
Hades ser se Deus quiser
Hades ser minha mulher
Hades ser até morrer.



NÃO VENHAS TARDE

Não venhas tarde!”,
Dizes-me tu com carinho,
Sem nunca fazer alarde
Do que me pedes, baixinho
“Não venhas tarde!”,
E eu peço a Deus que no fim
Teu coração ainda guarde
Um pouco de amor por mim

Tu sabes bem
Que eu vou p’ra outra mulher,
Que ela me prende também,
Que eu só faço o que ela quer,
Tu estás sentindo
Que te minto e sou covarde,
Mas sabes dizer, sorrindo,
“Meu amor, não venhas tarde!”

Não venhas tarde!”,
Dizes-me sem azedume,
Quando o teu coração arde
Na fogueira do ciúme.
“Não venhas tarde!”,
Dizes-me tu da janela,
E eu venho sempre mais tarde,
Porque não sei fugir dela

Tu sabes bem,
Que eu vou p’ra outra mulher.
Que ela me prende também,
Que eu só faço o que ela quer.

Sem alegria,
Eu confesso, tenho medo,
Que tu me digas um dia,
“Meu amor, não venhas cedo!”

Por ironia,
Pois nunca sei onde vais,
Que eu chegue cedo algum dia,
E seja tarde demais

LINHO CHORA

O linho dizia à água
Muito baixo num lamento
Quem me dera ser como tu
Ter asas como de vento.

Correr montes, correr vales
Batido nas penedias
Ir contando as minhas mágoas
Num rosário de agonias.

A água disse para o linho:
Vais ser feliz ao jurar
Rica toalha de mesa
Branca toalha de altar.
Estando estes dois amiguinhos
Fartinhos de conversar
Tiraram o linho da água
E o linho ficou a chorar



DOBA DOBA DOBADEIRA

O ntem à noite lá na minha aldeia
Já todos dormiam só eu acordava
Doba, doba dobadeira doba
Não me enrikes a meada

Não me enrikes a meada
Não me enrikes o meu novelo
Doba, doba dobadeira doba
As tranças ao meu cabelo

As tranças ao meu cabelo
As tranças à minha amada
Doba, doba dobadeira doba
Não me enrikes a meada

O novelo era tão grande
Não cabia na mão
Doba, doba dobadeira doba
Não deixes cair ao chão

O vestido cor-de-rosa
Trazei o chapéu à vareira
Mandai-o arredondar
Debaixo do chapéu anda
Olhinhos de namorar

E o metro quanto custa
E o metro quanto custou
E o vestido cor-de-rosa
Ó que tanto me agradou
Anda lá para diante
Que eu atrás de ti não vou
Era o que me dava vida
Amar a quem me deixou

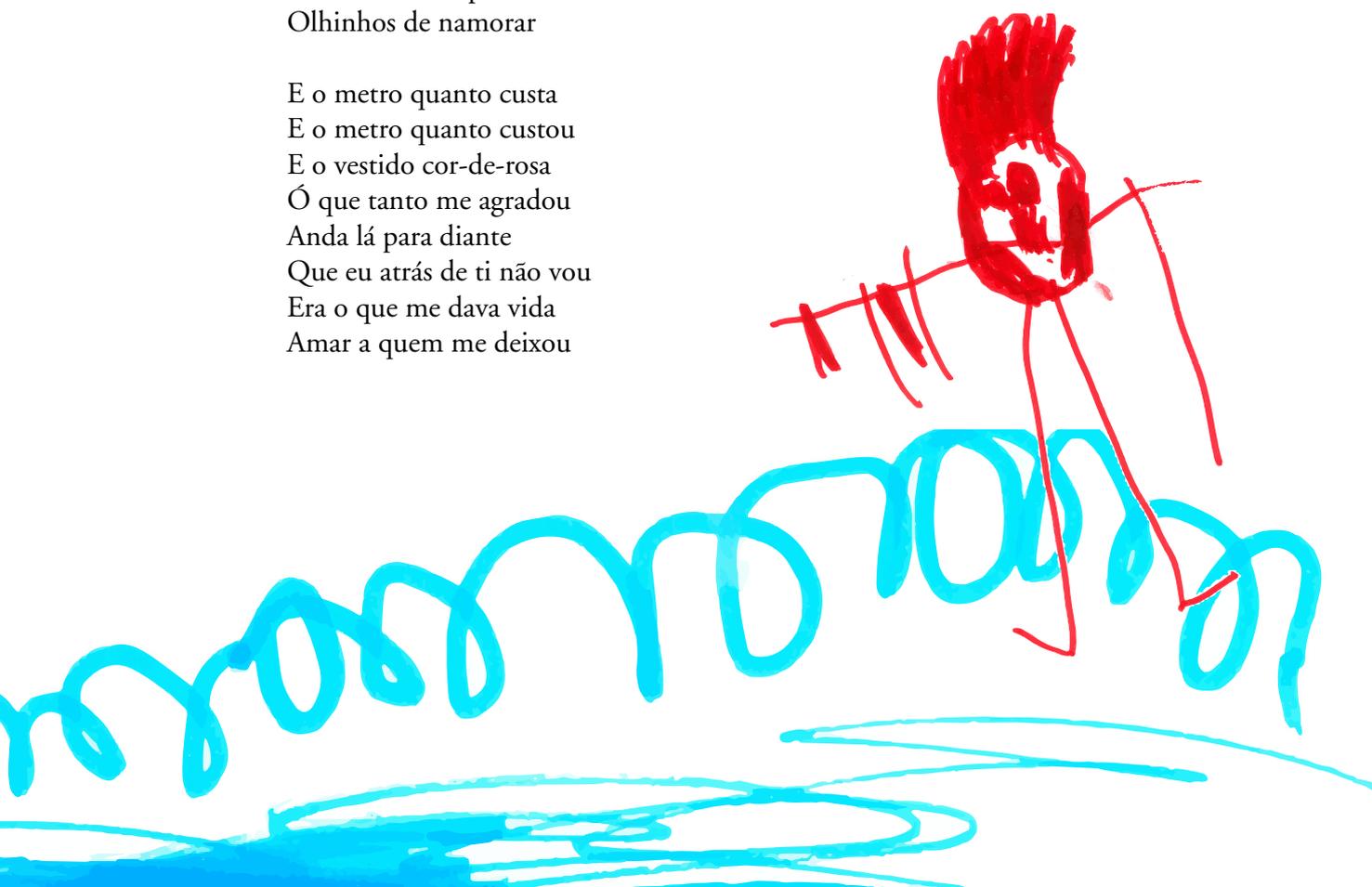
E o metro quanto custa
E o metro quanto custou
É o vestido cor-de-rosa
Ó que tanto me agradou

Julgaste que por me deixares
Que cortava o meu cabelo
Cada vez mais penteada
E o luto, lenço vermelho

E o metro quanto custa
E o metro quanto custou
É o vestido cor-de-rosa
Ó que tanto me agradou

Trocaste a mim por outra
Para amar a quem mais tinha
Tenho pena, choro muito
Lágrima de testa acima

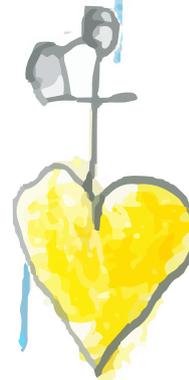
Esta noite, lá na minha aldeia,
Tudo dormia só eu acordada. (Bis)



PROVERBOS

JANEIRO

- Janeiro molhado não é bom para o pão, mas é bom para o gado.
- Em Janeiro, sobe ao outeiro. Se vires verdejar, põe-te a chorar; se vires terrear, põe-te a cantar.
- Trovão em Janeiro: nem bom canastro nem bom palheiro.
- Se o Janeiro não tiver trinta e uma geadas, tem de as pedir emprestadas.
- Luar de Janeiro não tem parceiro, mas o de Agosto dá-lhe no rosto.
- Janeiro, meia tulha e meio palheiro
- Calças brancas em Janeiro, sinal de pouco dinheiro.



FEVEREIRO

- Quando não chove em Fevereiro, nem bom prado nem bom celeiro.
- Em Fevereiro, chuva; em Agosto, uva.
- Ao Fevereiro e ao rapaz perdoa tudo o que faz, se o Fevereiro não for sacanão e o rapaz não for ladrão.
- Neve em Fevereiro não faz bom celeiro.
- Em Fevereiro já bate o sol em qualquer ribeiro
- Em fevereiro rega o teu lameiro
- Fevereiro quente traz o demo no ventre
- Em Fevereiro, chega-te ao lameiro.

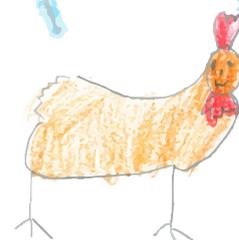


MARÇO

- Páscoa em Março: ou fome ou mortão.
- Março, marçagão, de manhã cara de rainha, de tarde corta com a fouchinha.
- Março liga a noite com o dia, o Manel com a Maria, o pão com o pato e a erva com o sargaço.
- Nasce a erva em Março, ainda que lhe deem com o maço.
- Março, marçagão, de manhã Inverno, de tarde Verão
- Março trovejado, ano melhorado

ABRIL

- Em Abril, águas mil, coadas por um mandil.
- A água que no Verão há-de regar, em Abril e Maio há-de ficar.
- Se não chove em Abril, perde o lavrador couro e quadril.
- Em Abril queimou a velha o carro e o carril; e uma cambada que ficou em Maio a queimou.
- Em Abril ainda a velha chega a roupa ao quadril
- Abril frio e molhado, enche o celeiro e farta o gado



MAIO

- Uma água de maio e três de abril valem por mil.
- Maio hortelão: muita palha e pouco grão.
- Maio pardo e ventoso faz o ano farto e formoso.
- Maio pardo e Junho claro podem mais que os bois e o carro.
- Em Maio, comem-se as cerejas ao borralho.
- Em Maio ainda a velha queima o talho



JUNHO

- Junho calmoso: ano formoso.
- Junho floreiro: paraíso verdadeiro.
- Em Junho, foice no punho.
- Feno, alto ou minguido, em Junho é segado.
- Junho, mês do S. João: é o maior tição!



JULHO

- Julho quente, seco e ventoso: trabalha sem repouso.
- Em Julho, ceifa o trigo e faz o debulho. E em o vento soprando, vai-o limpando.
- Por todo o mês de Julho, o meu celeiro entulho.
- Por muito que Julho queira ser, pouco há-de chover.
- Em Julho faz a cigarra barulho

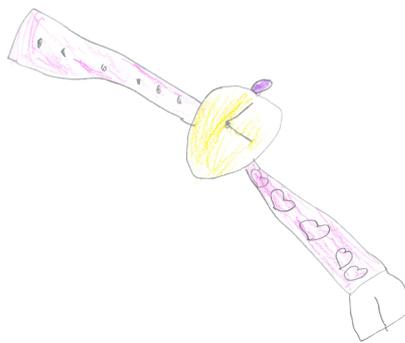
AGOSTO

- Quem não debulha em Agosto debulha com mau gosto.
- Quem malha em Agosto malha contra gosto.
- Em Agosto ardem os montes; em Setembro secam as fontes.
- Nem em Agosto passear nem em Dezembro marcar.
- Quem cega e malha em Agosto, sabe o suor do seu rosto
- Quem em Agosto ara, riqueza prepara



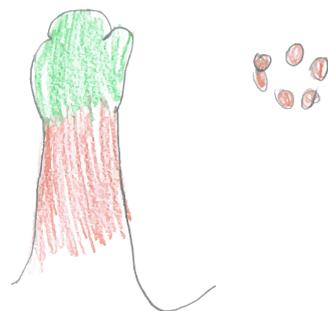
SETEMBRO

- No pó semearás, em Setembro colherás.
- Setembro ou seca as fontes ou leva as pontes.
- Lua nova setembrina, sete luas determina.
- Em Setembro ardem os montes e secam as fontes



OUTUBRO

- Outubro quente traz o diabo no ventre.
- Outubro suão: negaças de Verão.
- Outubro meio chuvoso faz o lavrador venturoso.
- Se Outubro for erveiro, guarda para Março o palheiro.

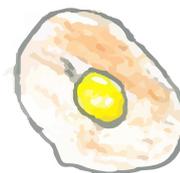


NOVEMBRO

- Em Novembro prova o vinho e semeia o cebolinho.
- Em Novembro e no mês do advento, racham as fragas com a água e com o vento.
- Novembro pelos Santos, neve nos campos.

DEZEMBRO

- Em Dezembro, treme de frio cada membro.
- Em Dezembro, lenha no lar e pichel a andar.
- Em Dezembro descansar, para em Janeiro trabalhar.
- Dezembro molhado e Janeiro bem nevado
- Em Dezembro, a uma lebre galgos cento.
- Quando Dezembro chegar, quem não errou vai amar.



PROVÉRBIOS SOLTOS



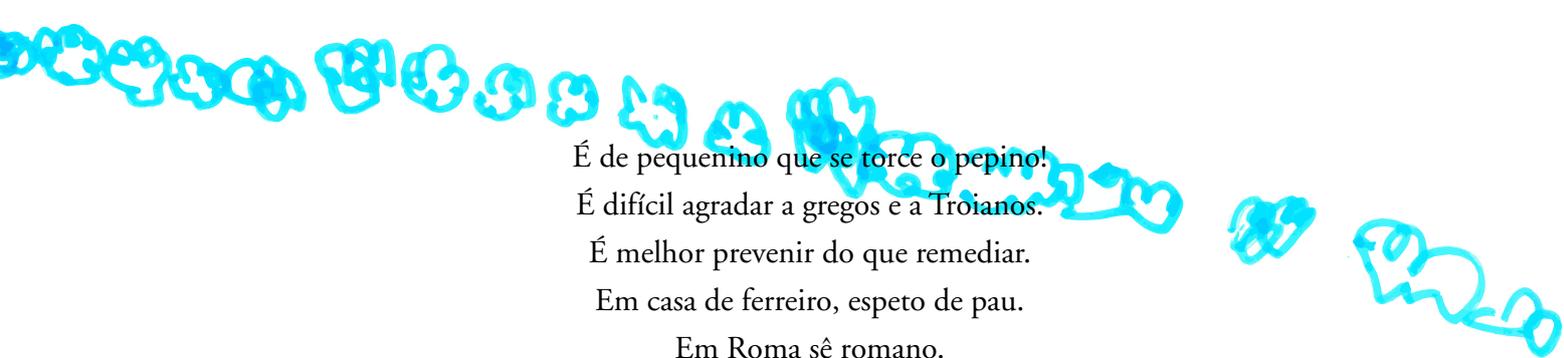
A noite de Natal, tem o salto dum pardal.
Ande o frio por onde andar, há-de vir pelo Natal.
Natal ao balcão e Páscoa ao tição*.
Natal ao soalhar, e Páscoa ao luar.
Natal em casa, e Páscoa na praça.
Quem quer bom ervilhal, semeia-o antes de Natal
Quem quiser um bom faval, semeia-o no Natal.
Quem varejar antes do Natal, deixa azeite no olival.

Depressa e bem, não há quem
A bodas e batizados só vão os convidados.
A cavalo dado, não se olha o dente.
Ponto sem nó, não se dá um só.
Boca calada não entra nada
A cebola gosta de ver o dono ir para casa.
A comer e a coçar é só começar.
A devoção passa a obrigação.
A esperança é a última a morrer.
A fome é o melhor tempero.
A galinha da vizinha é sempre melhor que a minha.
A manta e a merenda nunca pesaram.
A minha liberdade acaba onde começa a dos outros.
A mulher e a sardinha querem-se pequeninas.
A noite é boa conselheira.
À noite todos os gatos são pardos.
A ocasião faz o ladrão.
A preguiça é a mãe de todos os vícios.
A pressa é inimiga da perfeição
A quem madruga Deus ajuda.
Ao rico não devas e a pobre não prometas.
A união faz a força
A vaca do pobre, em vez de parir amove.
Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
Águas passadas não movem moinhos.
Ainda que sejas velho e prudente nunca desprezes o conselho.
Altas e baixas andarei, conforme me tocarem assim bailarei
Amigo não empata amigo.
Amigos, amigos, negócios à parte.
Antes que o mal cresça corta-se-lhe a cabeça.
Antes só que mal acompanhado.



Ao bêbado e ao menino põe Deus a mão por baixo.
Ao descer todos os santos ajudam.
Aprende que eu não duro sempre
Atrás de um grande homem há sempre uma grande mulher.
Bem te vejo malhadeira... malhas bem na tua eira.
Boda molhada, boda abençoada.
Burro velho não aprende línguas.
Burro velho não toma andadura.
Cá se fazem, cá se pagam.
Cada cabeça, sua sentença.
Cada macaco no seu galho.
Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.
Cada tolo com sua mania, cada burro com sua albarda.
Cada um chega a brasa à sua sardinha.
Cada um sabe de si e Deus sabe de todos.
Calma no Brasil que Portugal é nosso.
Carnal na praça... Páscoa em casa.
Casa que não é ralhada, não é governada.
Com a verdade me enganas.
Com o mal dos outros posso eu bem.
Coração de homem é terra onde ninguém mora
Cria-se o trigo debaixo da neve, como o carneiro debaixo da pele.
Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.
De boas intenções e de arrependidos está o inferno cheio.
De Espanha nem bom vento, nem bom casamento.
De médico e de louco todos temos um pouco.
Devagar se vai ao longe... bem tolo é quem se mata.
De velho se torna a novo.
Depois da casa assaltada, põe-se trancas na porta.
Depois da tempestade vem a bonança.
Depois de filha casada não lhe faltam pretendentes.
Desconfiar de cão que não ladra e de homem que não fala.
Deus dá nozes a quem não tem dentes.
Deus escreve direito por linhas tortas.
Deus nos livre de bocas abertas e maus vizinhos à porta.
Devagar se vai ao longe.
Dia de Santa Luzia, cresce a noite e minga o dia.
Dos fracos não reza a história
Duro com duro não faz bom muro.
É bem-vindo que vem por bem.
É como a Maria Nabiça, tudo o que vê, tudo cobiça.





É de pequenino que se torce o pepino!
 É difícil agradar a gregos e a Troianos.
 É melhor prevenir do que remediar.
 Em casa de ferreiro, espeto de pau.



Em Roma sê romano.
 Em tempo de guerra não se limpam armas.
 Em terra de cegos, quem tem olho é rei.
 Enquanto há vida há esperança.

Entre marido e mulher não se mete a colher.
 Fia-te na Virgem e não corras.
 Filho és pai serás como fizeres encontrarás.
 Frases loucas, orelhas moucas.

Gaba-te cesto que amanhã vais à vindima.
 Galinha de campo, não quer capoeira.
 Gato escaldado, de água fria tem medo.
 Há mais marés que marinheiros.



Ladrão que rouba ladrão tem 100 anos de perdão.
 Longe da vista, longe do coração

Mais depressa se apanha um coxo que um mentiroso
 Mais vale burro vivo que sábio morto.

Mais vale cair em graça que ser engraçado

Mais vale perder um minuto na vida do que a vida num minuto

Mais vale um pássaro não mão que um cento a voar.

Mãos frias, coração quente.

Mentira tem perna curta.

Muito riso, pouco ciso.

Mulher honrada, não tem ouvidos.

Mulher prevenida, vale por 2

Na barba do tolo, aprende o barbeiro novo.

Não adianta chorar sobre leite derramado.

Não cuspas para o ar que te cai na boca.

Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

Não é pela morte de uma andorinha que acaba a primavera.

Não há bela sem o seu senão

Não há duas sem três

Não há mal que por bem não venha

Não há pior cego do que aquele que não quer ver.

Não há regra sem exceção

Não há teia sem aranhão

Não ponhas a carroça à frente dos bois

Não se fala de cordas em casa do enforcado



Não te rias do mal do vizinho que o teu mal vem pelo caminho.

Não vendas a pele do urso antes de o matar

Nariz de cão nunca está quente

Nem 8 nem 80.

Nem tanto ao mar nem tanto à terra

Nem tudo o que reluz é ouro.

Nem tudo o que vem à rede é peixe

Ninguém deixa o certo pelo incerto.

No aperto e no perigo se conhece o amigo

No dia de S. Martinho vai-se à adega e prova-se o vinho.

No fim da vindima lavam-se os cestos.

No meio é que está a virtude

No melhor pano cai a nódoa

No poupar é que está o ganho

O corno é sempre o último a saber

O futuro a Deus pertence

O hábito não faz o monge

O que arde cura e o que aperta segura.

O que não tem remédio, remediado está

O que os olhos não veem o coração não sente.

O saber não ocupa lugar

O segredo é a alma do negócio

O trabalho do menino é pouco, mas quem o perde é louco.

Olho fino e pé ligeiro.

Onde há fumo há fogo.

Paciência que é boa para a vista.

Panela velha faz comida boa.

Pela aragem se vê quem vai na carruagem.

Pelo S. Brás a cegonha verás.

Pior a emenda que o soneto.

Pior do que quem o diz é quem o leva ao nariz.

Preso por ter cão e por não ter

Quando a esmola é grande o pobre desconfia.

Quando se fecha uma porta abre-se uma janela.

Quando um não quer, dois não discutem

Quanto mais depressa mais devagar

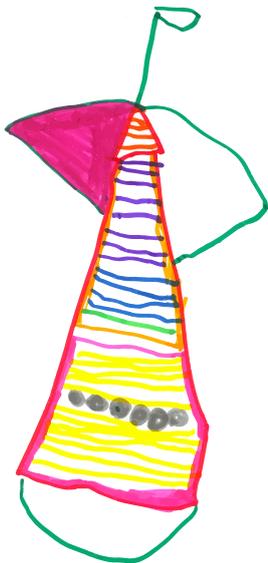
Quanto mais me bates mais eu gosto de ti.

Quem ama o feio, bonito lhe parece.

Quem aos seus sai, não degenera

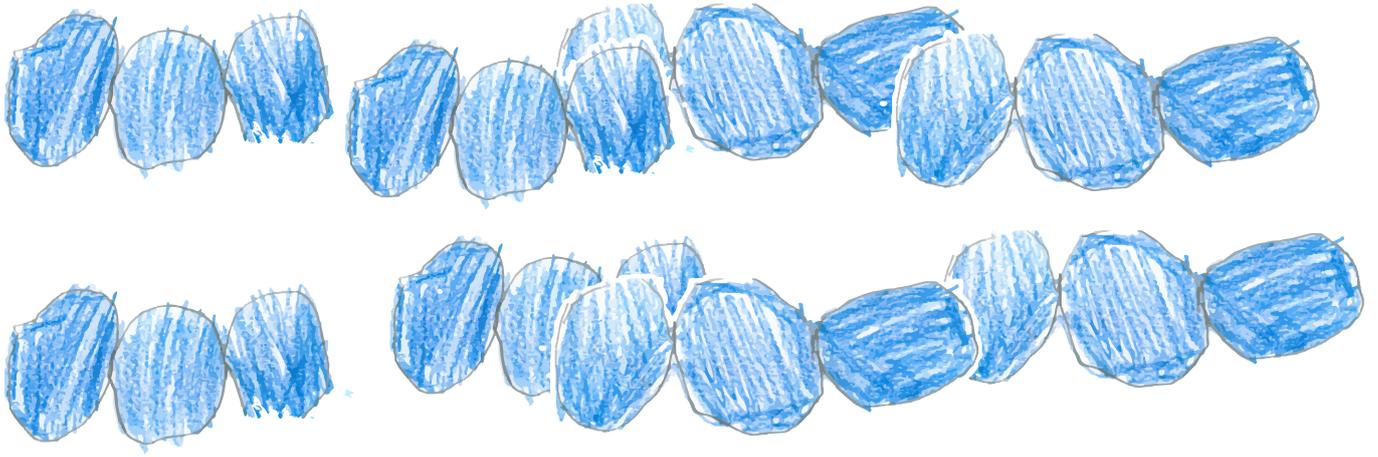
Quem cala consente.

Quem canta na cama e assobia à mesa, pouco o juízo lhe pesa.



Quem canta seu mal espanta.
Quem casa, quer casa.
Quem com garotos se deita, mijado se levanta.
Quem corre por gosto não cansa.
Quem dá o que tem a mais não é obrigado.
Quem de novo baila bem, de velho seu jeito tem.
Quem de novo não vai, de velho não escapa.
Quem diz a verdade, não merece castigo.
Quem espera sempre alcança.
Quem fala o que quer, ouve o que não quer.
Quem foi ao mar, perde o lugar
Quem muito dorme, pouco aprende.
Quem não arrisca, não petisca.
Quem não chora não mama.
Quem não deve, não teme.
Quem não quer a boa mãe, fica com a má madrasta.
Quem não tem cão, caça com gato.
Quem não tem vacas nem bois... ou antes ou depois.
Quem não trabuca, não manduca.
Quem ri por último ri melhor.
Quem te avisa, teu amigo é.
Quem tem boca vai a Roma.
Quem tem telhados de vidro não atira pedras ao do vizinho.
Quem tem unhas toca guitarra.
Quem tira o frio tira o calor.
Quem tudo quer, tudo perde.
Quem vai à guerra, dá e leva.
Quem vê caras não vê corações.
Regos tortos dão palhas direitas.
Rio que ruge, leva água.
Só se lembram de Sta. Bárbara quando troveja.
Uma mão lava a outra.
Vamos para a frente que atrás vem gente.
Vão-se os anéis fiquem os dedos.
Vermelho ao mar, calor de rachar.
Zangam-se as comadres, sabem-se as verdades.





A D I V I N H A S

1. Dois irmãos queridos
Da mesma mãe nascidos.
Eu sou mais do que o meu irmão
Que vou à missa e ele não.
Bodas e banquetes a mim me convidaram
Para os arranjos da cozinha
Falai lá com o meu irmão.

2. Qual é a coisa qual é ela
Que mal entra em casa
Se põe a janela?

3. Alto está, alto mora
Todos o vêm e ninguém o adora.

4. Folhinhas entre folhinhas
Cortadinhas ao revés,
Tem cabeça e tem dentes
Tem raiz e não tem pés.

5. Dois redondos e um cumprido
Entre as pernas bem metido.

6. Eu sou um gigantão
Tenho 12 filhos no coração
De cada filho tenho 30 netos
Metade brancos e metade pretos.

7. Pelo que faço não posso ser dispensada
Se persisto aborreço
Se falto sou desejada

8. Verde foi o meu nascimento
E de luto me vesti
Para dar a luz ao mundo mil tormentos
padecei?

9. Uma senhorinha muito assenhorada
Nunca sai à rua e está sempre molhada.

10. Peludinho por fora
peludinho por dentro.
Alça a perna e mete-lo dentro.

11. Teso e duro se mete,
Mole e molhado se tira
Faz tamanho consolinho
Que chega ao fundo da barriga.
Não deem para a maldade nem a tem
nem a digam.

12. Eu dou governo às pessoas,
Às pessoas governo dou
Quando se esquecem de mim
O meu governo acabou.

13. São muitos vizinhos e irmãos
Enfileirados nos mesmos modos
Se os corrigem quando erra um erram
todos.

14. Somos 4 irmãzinhas todas muito iguais
Uma de nós anda nua para despir as de-
mais.

15. O que é que é uma coisa muito bem arre-
mendada, sem ponta nem pontada?

16. Alto picoto, martins cavaleiro, abre-se o
bolso e cai-lhe o dinheiro?

17. O que é que é que tem dentes e não come
e tem barbas e não é homem?

18. Qual é o desporto que embora seja senta-
do é muito cansativo?

19. Uma meia, meia feita, outra meia por fazer
diga lá minha menina quantas meias vem
a ser.

20. Qual é a coisa qual é ela que quando mais
se sopra maior fica.

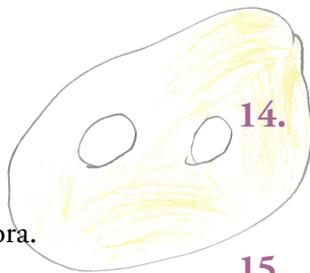
21. A minha mãe não tinha dentes, nem ne-
nhum dos meus parentes.

22. Qual é a coisa qual é ela que quando mais
se sopra maior fica.

23. Eu no mato me criei
Metida em verdes laços
Quem mais chora por mim
É quem me faz em pedaços.

24. Alto como o sino, verdega como o linho, é
doce como o mel e amarga como o fel?

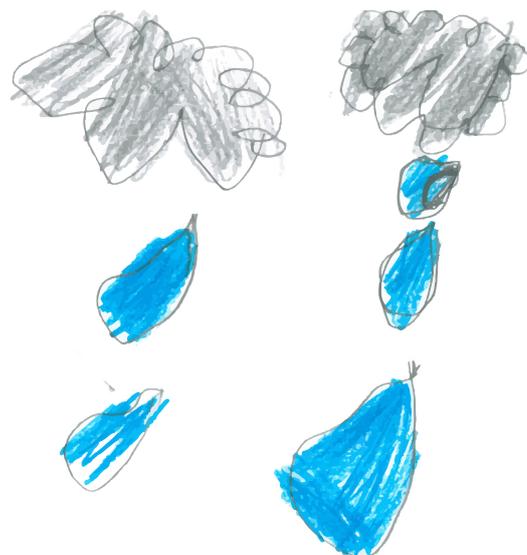
25. Qual é a coisa qual é ela que cai em pé e
corre deitado?



26. Quando tem água bebe vinho e quando tem vinho bebe água.
27. Qual o animal que anda com os pés na cabeça.
28. Qual é a coisa qual é ela quanto maior é menos se vê.
29. O que é que é, que vai deitado e vem de pé?
30. Branco por fora, preto por dentro, ver melho na ponta pega-lhe agora.
31. Maria preta no ar está bailando
João vermelho
No rabo lhe está dando
32. De minha mãe saí eu, sem geração de meu pai e a minha mãe de mim sai. O que é?
33. Qual é a coisa certa e muito certa, que anda sempre de monte em monte e sempre com a boca aberta.
34. Onde é que as mulheres têm o cabelo mais grifo?
35. Uma senhora muito assenhorada que nunca sai à rua sem estar molhada.
36. Qual é a piada do fotógrafo?
37. Tem pernas e não anda, tem boca e não fala, tem asas e não voa.
38. Hoje nasci, vivo e morro quem sou eu?
39. No monte nasce, no monte se cria, bem para a casa mete mais tristeza que alegria. O que é?
40. Branca como o ovo, mas ovo não é. Adivinhas tu cal é?
41. Do tamanho de uma abelha enche a casa até à telha.
42. Qual é coisa qual ela, que quanto mais alto está melhor se lhe chega.
43. O que é feito para andar e não anda?
44. O que é que é surdo e mudo, mas conta tudo?
45. O que é que quanto mais se cozinha, mais duro fica?
46. Qual é o banco mais incômodo?
47. Em que lugar só se entra quando está cheio?
48. Que ferramenta diz no nome que já foi?
49. Tenho 10 velas acesas. Apago três. Quantas velas ficam?
50. O que é que tem barba, mas não tem queixo; tem dentes, mas não tem boca?
51. Qual é a primeira coisa que você faz quando acaba de acordar?
52. O que é que tem mais de 10 cabeças mas não sabe pensar?
53. Ele é magro, tem dentes mas nunca come e mesmo sem ter dinheiro, dá comida a quem tem fome?
54. Ninguém me vê, mas muita gente me ouve; só falo depois que alguém fala. Quem sou?
55. O que é que onde quer que se meta permanece no mesmo lugar?
56. O que é que nunca se dá de boca fechada?
57. O que é que está no começo do meio, no meio do começo e na ponta do fim?



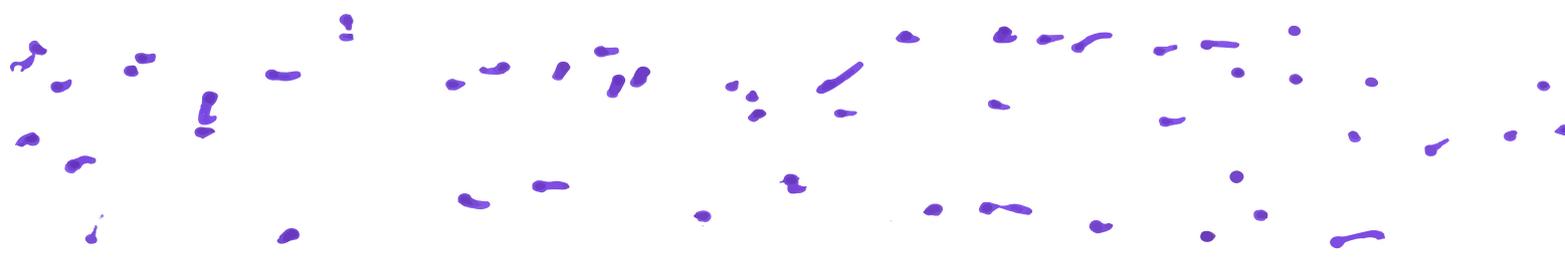
58. O que é o que é que desce cantando e sobe chorando?
59. O que é que passa na água e não se molha?
60. Uma caixinha de bom parecer, não há carpinteiro que saiba fazer?
61. Dois a olhar e quatro a fazer
O pai a mingar
E a mãe a crescer
62. Em França foi o meu nascimento, em Portugal fui vendida; quando estou presa estou bem, quando estou solta estou perdida. O que é?
63. Verde como folha, folha não é: fala como gente, gente não é?
64. O que é, o que é: igual a um gato, mas não é gato!
65. A mãe é verde, a filha é encarnada, a mãe é mansa, a filha é danada?
66. Quanto mais fresco, Melhor sabe.
67. A carne da mulher é dura, mais dura é quem a fura, depois dela furada ficam dois à dependura. O que é?



SOLUÇÕES DAS ADIVINHAS

1) Vinagre e vinho, 2) Botão, 3) Sino, 4) Alho, 5) Bicicleta, 6) Ano, 7) Chuva, 8) Azeitona, 9) Língua, 10) Meia, 11) Massa, 12) Relógio, 13) Os botões da camisa, 14) Agulhas de meia, 15) Cebola, 16) Castanheiro, 17) Alho, 18) Ciclismo, 19) Metade de 1 meia, 20) Fogo, 21) O galo, 22) Cebola, 23) Noz verde, 24) Peão, 25) Chuva, 26) Moleiro, 27) Piolho, 28) Escudão, 29) O cântaro, 30) O cigarro, 31) Caldeira ao lume, 32) O gelo e a água, 33) O cano da espingarda, 34) Na África, 35) A língua, 36) Ninguém sabe, pois ela ainda não foi revelada, 37) O pote, 38) O dia, 39) Madeira do caixão, 40) A cal, 41) A luz de uma candeia, 42) A água do poço, 43) A rua, 44) O livro, 45) O ovo, 46) Banco dos réus, 47) A piscina, 48) A foice, 49) As 3 que apaguei, as outras consomem-se, 50) Espiga de milho, 51) Abre os olhos, 52) Uma caixa de fósforos, 53) O garfo, 54) O eco, 55) O nariz, 56) Gargalhadas, 57) A letra "M", 58) O balde do poço, 59) A sombra, 60) A casca do amendoim, 61) A mulher a fazer a meia, 62) Segurança, 63) O papagaio, 64) A gata, 65) A pimenta, 66) Pão, 67) Brincos

L E N G A L E N G A S



Estou farta de subir e descer,
 Mais farta devo estar de tirar e meter.
 Um que lhe meta todo,
 Outro que lhe tire para fazer a vontade,
 Todos lhe a vão meter.



Fui a uma casa e 4 manjares me deram
 Castanha cozida, castanha assada, caldo de castanha e castanha piada.

Minha mãe mandou-me à fonte e eu parti a cantarinha
 Ó minha mãe não me bata com o pau de marmeleiro, que eu estou muito doentinho,
 Mande-me chamar o barbeiro
 - O barbeiro já lá vem com uma lanceta na mão
 P`ra te lançar a espada na veia do coração.



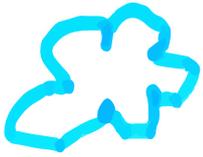
Aquela candeia que além está,
 Tem mil cravos no murrão
 Também eu tenho mil penas
 Guardadas no meu coração.

No alto daquela serra,
 Está um lenço, está um lenço de mil cores
 Está dizendo viva-viva
 Morra-morra quem não tem amores



Bichinho gato
 Que comeste tu?
 Sopinhas de leite
 Guardaste-me delas?
 Guardei, guardei
 Onde as puseste?
 Atrás da arca
 Com que as tapaste?
 Com o rabo da gata
 Sape, sape, sape gato.





Minha mãe por me casar
Prometeu- me uma panela
Depois de me ver casada
Rachou-me a cabeça com ela



Oh minha mãe, minha mãe
Não se pode ser Mulher
Se é bonita agrada a todos
Se é feia ninguém a quer

Casei-me com um velho
Por me encher de rir
Fiz-lhe a cama alta
Não pode subir



Brasileiros do Brasil
Mandai-me de lá dizer
Dois olhinhos que lá tenho
Se os tornarei a ver



Se o mar tivesse varandas
Como tem embarcações
Eu ia-te visitar
Em todas as ocasiões



Vai-te das pedras da fonte
Passarinho ó ladrão
Não sejas alcoviteiro
Das moças que à fonte vão

Menina que vai andando
Com a sua canastrinha
Deixe ver a sua fruta
Se ela é bem madurinha

A minha fruta é boa
Todos ma podem comprar
A laranja escolhida
Para casa particular

Dá-me cá 20 vinténs delas
Escolhidas pela tua mão
Para tirar uma nódoa
Que trago no coração

Eu não sou macieira
Nem pereira, nem laranjeira
O senhor se quer limões
Vá-os comprar a feira

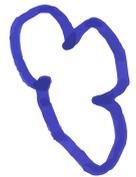




OPITOS

POPULARES

Duas coisas há no mundo
Que muito costumam a crer
Ser padre e ir para o inferno
Ser médico e morrer



Muita graça eu acho
Aos teus vestidos menina
São muito altos em baixo
E muito baixos em cima



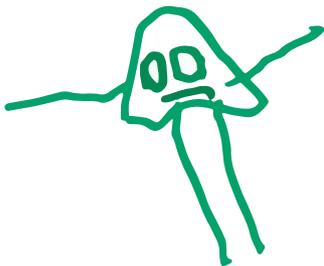
Menina tu não digas
O teu segredo a ninguém
Porque a amiga tem uma amiga
E essa amiga outra amiga tem



Tu não sabes o poder duma mulher
Que em beijos pede perdão
Em vez duma maldição
E se alguém te disser que não
Oh! Não o creias meu irmão

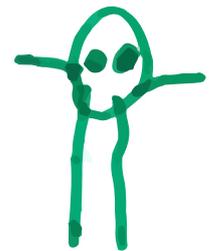


Cravos brancos na janela
É sinal de casamento.
Menina recolha o cravo
Que casar ainda há tempo

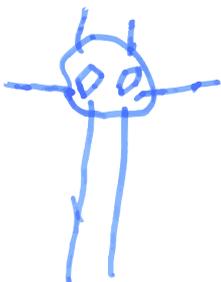


Meu amor, adoro os teus olhos, mas prefiro os meus...
Porque sem os meus lindos olhos, não podia ver os teus

Menina para ser menina
Tem que ter oito amores
Dois casados e dois solteiros
Dois padres e dois doutores



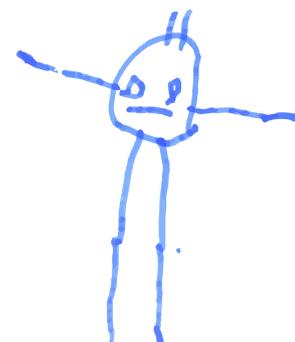
As mulheres foram feitas
Para amara e ser amadas
Mas odeiam-nos quando pedindo-nos amor
Nós lhe damos apenas amizade



Os 5 mandamentos do padre:

- 1º Amar a Deus por dinheiro;
- 2º Escolhem a melhor mulher do mundo;
- 3º Comer a vitela e não deixar o cordeiro;
- 4º Jejuar depois de farto;
- 5º Bebem o branco e não deixam o tinto.

O coelho é matreiro
Só come a erva que quer
É como o rapaz solteiro
Enquanto não tem mulher.
A castanha no ouriço está com grande gravidade
É como o rapaz solteiro na flor da mocidade





Projeto Dar e Receber



Retalhos de uma vida resulta da recolha realizada junto dos clientes beneficiários das respostas sociais (Lar, Centro Dia e Apoio Domiciliário) das instituições parceiras do Projeto Dar e Receber.

Por forma a preservar e difundir o património imaterial da região transmontana, nomeadamente, as histórias, lendas, cantigas e adivinhas, que usualmente se partilhavam nos serões organizou-se esta publicação que, para além destas, integra as cantigas entoadas durante os trabalhos agrícolas e os provérbios que cumpriam funções morais e orientavam as rotinas quotidianas.

